

Entre o chão e o céu: um reencontro com nossa semente criança

Between the ground and the sky: a reconnection with our child seed

Por *Patricia Araujo*, pedagoga especialista em filosofias e práticas com a natureza pela Casa Tombada. Cofundadora do Centro Educativo Igarapé.

Contato: patiaraujonunes@gmail.com

Resumo

O relato de experiência foi registrado depois de uma imersão na Mata Atlântica, a partir das reflexões de uma educadora entusiasmada com o reencontro de sua própria semente criança. Inspirado por dias intensos de vivências com a natureza, o resgate de memórias da infância, aliado a toda a potência que existe nesse movimento de reconexão com quem somos, trouxe à superfície o termo usado ao longo deste trabalho. A semente e a criança como representação de algo que vive em nós quando nascemos e acompanha toda a nossa trajetória. Quais são as oportunidades que mantêm pulsante a nossa condição inicial, de semente criança?

Palavras-chave: Infâncias. Vivências. Natureza. Identidade educadora.

Abstract

This experience report was recorded after an immersion in the Atlantic Forest, based on the reflections of an educator enthusiastic about reconnecting with her own child-seed. Inspired by those intense days surrounded by nature, the rescue of childhood memories, combined with all the power that exists in this act of reconnecting with who we are, the author brought to the surface the term used throughout



this work: the seed and the child as a representation of something that lives in us from the moment we are born and accompanies our entire trajectory. What are the opportunities that keep our initial condition, as a child seed, pulsating?

Keywords: Childhood. Experiences. Nature. Educational identity.

Quando entro em mim encontro além,
Encontro pulso de vida.
Percebo que cada um dos meus sentidos se encantou.
A cada verso e cada árvore um suspiro, um ouvido.
Então, partituro o tempo com beleza e poesia.

Se a cigarra canta em ondas,
Se a terra respira em sussurros,
Quero sorver seus minúsculos sons
E a grandeza do seu amor levo comigo
Voando sobre o mar.

O silêncio acalma a alma
O amor preenche a alma
O amor sustenta e permeia tudo no universo.
Unir em verso e prosa a poesia da vida.

(produção coletiva, imersão jan.22)

Introdução

No contexto da pandemia que ganhou escala planetária em março de 2020, aprofundar os estudos acerca de uma atuação mais genuína no mundo me pareceu urgente. Quando me inscrevi na pós-graduação “A natureza que somos”, proposta pela Casa Tombada e coordenada por Rita Mendonça, ainda não imaginava a intensidade dessa reconexão com minha própria essência, que ao longo deste relato chamo carinhosamente de semente criança¹.

Em janeiro de 2022, com uma trégua do isolamento social, nossa jornada de estudos on-line ganhou espaço para uma semana

1. Conceito criado pela autora, especialmente para este relato, a partir da imersão na Mata Atlântica em janeiro/22.



de imersão no Parque Nacional do Itinguçu. A experiência com a Mata Atlântica foi um mergulho profundo em meu próprio ser. Foi a inspiração para reunir e ressignificar meu percurso desde a infância até hoje, localizando em cada etapa da vida a importância das memórias com a natureza do entorno para compor minha identidade humana. Identidade educadora.

A alegria de reencontrar a porção sensível, alegre e corajosa que vive em mim trouxe novo fôlego para seguir no movimento por uma educação mais humana. Nessa perspectiva, as referências pessoais e profissionais do educador são indissociáveis.

A disposição e curiosidade para reconhecer outras dimensões da nossa vida, associar o nosso florescer humano ao crescimento de uma árvore, identificar aspectos físicos e orgânicos que nos aproximam das plantas, perceber nos movimentos de uma árvore ao vento características do meu próprio corpo me conduziram ao título e fio condutor dessa escrita: **Quais são as oportunidades que mantêm pulsante a nossa condição inicial, de semente criança?**

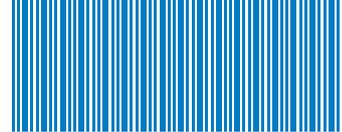
Sementes | memórias de quem fui

O tempo passeia o varrer do vento
Nas folhas fincadas no chão
Importa se a chuva prazenteira vem
Se flores mirrarão?

Importa se escorre esse tempo lento
Dos vasos da criação
Se flore ou dá frutos o que semeiam
Os veios de tuas mãos

Importa que a tua mão cheia está de sementes
E pleno de sol sempre estará o coração!
É que tuas sementes aladas
Tem dons de florir, vicejar

E de se esparramar em florada
E ser fruto e se dar a quem passar
São sementes levadas pra todo canto
Em teu canto que cantas em todo canto



Para aninhar os pardais
Para sombrear-nos ao sol
Para abrigar - temporais
Para nos nutrir, alimentar

São sementes levadas pra todo canto
Em teu canto que cantas em todo canto
Para crescer firme, aterrar
Para caminhar sem andar

Para espalhar frutos, medrar
Para dar-se em mudas sem mudar
São sementes levadas pra todo canto
Em teu canto que cantas em todo canto

Para perdurar, para perpetuar
Para perdurar, para perpetuar

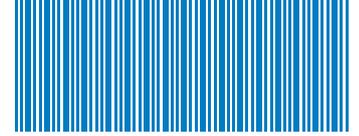
Semeadura, Zé Modesto

As sementes e as infâncias. Sobre essa relação com algo que vive em nós quando nascemos e acompanha toda a nossa existência como seres humanos. Até nossa morte. Para depois voltar à terra e ser semente de outra vida. Aprecio a metáfora proposta por Kessler e Stuppy (2006, p. 21) “as sementes são a vida em cápsulas do tempo”.

É o estado de infância, como disse o filósofo, professor e pesquisador Renato Nogueira em uma de nossas aulas da pós-graduação, que nos possibilitaria uma reconexão com a natureza, uma relação de outra ordem, na qual seríamos capazes de habitar o reino da imaginação de modo a estabelecer uma comunicação mais ativa com outros seres do mundo.

Da minha porção semente, trago as memórias no sítio do vovô Marico, com todos os primos brincando na terra vermelha de Ribeirão Preto, chupando manga no pé. A lembrança da água gelada da cachoeira Platina, que corria pelo rio e massageava minhas costas. Quando encontrava galhos ou lixo que barravam a água, podia ficar o dia todo tirando os obstáculos para que as águas voltassem a fluir.

As marcas da Escola Dominó estão em meu corpo desde os primeiros meses de vida, minha mãe fundou a escola quando



estava grávida de mim. Ainda hoje lembro do gosto do rabanete quando arrancava da terra, do cheiro da tinta enquanto pintava no cavalete, da textura do casco da tartaruga que morava por ali, da sensação de plenitude quando aprendi a escalar a goiabeira. Daquele tempo que passava deitada no chão olhando pro céu, com minha amiga Aninha, tentando encontrar animais nas nuvens.

As brincadeiras de roda me encantavam, ciranda cirandinha e a linda rosa juvenil eram as favoritas! Lembro que a gente marcava no mural quem seria cada personagem, criávamos versinhos, fazíamos as fantasias. Quando terminei a Educação Infantil e mudei de escola, fazia questão de passar as tardes na Dominó brincando com as crianças menores.

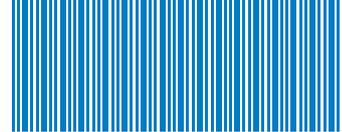
Reconheço em mim a menina doce e tímida que fui. Ao mesmo tempo aventureira, destemida, de gargalhada fácil. Me sinto renovada e mais forte cada vez que identifico elementos dessa porção semente que fui. Que sou. Ainda que transformada por todas as experiências do crescimento, sinto que a essência segue comigo. Segundo Kessler e Stuppy (2006, p. 21), “no lugar e no tempo certo, cada semente dá origem a uma nova planta”.

Raízes educadoras: inspiração com as crianças

Hoje percebo que o mesmo solo fértil das tardes de brincadeira com as crianças menores na Escola Dominó sustentou a escolha em seguir a profissão da minha mãe. Cursei a faculdade de Pedagogia e, depois dos estágios nas escolas, comecei minha jornada como pesquisadora e formadora de professores.

Em 2009 nasceu o meu primeiro filho, João, com toda a potência que uma semente nova traz. Me senti convidada a ser professora de crianças, queria ficar mais perto do João e também compartilhar as memórias da escola que eu tinha guardadas com tanto afeto. Desde o começo dessa jornada, que durou nove anos, estar com o grupo de crianças e com cada uma delas me chamava para resgatar minha alegria, sensibilidade, inteireza nas relações. Estar por inteiro em cada detalhe foi fundamental para chegar perto da grandeza das infâncias.

No início foi bem difícil, das coisas que não aprendemos na faculdade: precisava encontrar o meu jeito de ser professora. Queria delimitar um contorno para o grupo, sem abrir mão da flexibilidade e movimento que estar com as crianças exige. Ter



uma voz firme para o fluir do coletivo, ao mesmo tempo suave e suficiente para acolher as singularidades de cada um. Foram muitas conversas com a coordenação da escola, com outras professoras e com minha mãe. Busquei referência nas professoras queridas que tive.

Ao longo do tempo como professora, entre erros, frustrações e medos, aprendi a compor junto com o grupo, escutar genuinamente o que as crianças traziam. Assim, abri cada vez mais espaço para o florescer das infâncias. Ganhei gradativamente mais confiança, minha e da gestão da escola, para criar novas possibilidades.

Foi a partir da relação leve e sincera com meus alunos que comecei a perceber como eles ficavam bem do lado de fora, ao ar livre. Comecei a promover mais experiências, com tempo alargado para que pudessemos viver juntos a natureza do entorno. Quase um ato revolucionário, numa escola que tinha 20 minutos marcados no planejamento para cada atividade. As boas parcerias que tive nessa missão foram imprescindíveis para a transformação que fizemos no cotidiano da escola. Ainda não tinha na bagagem a dimensão da natureza que somos, mas ali, intuitivamente, fomos construindo uma relação próxima, ousada, ao mesmo tempo simples e instigante. Tantas sementes foram plantadas... De passeios semanais na trilha atrás da escola, observação das aves e aranhas, ao mergulho diário na lama, passando pelo plantio de frutíferas para compor nosso quintal.

Figura 1 - integração



Foto: autora, 2019

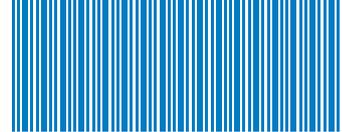


Figura 2 - lama



Foto: autora, 2019

Figura 3 - sentir



Foto: autora, 2019

Figura 4 - confiança



Foto: autora, 2018



Com toda a diversidade que a vida possibilita, aos poucos fui aprendendo a reconhecer e respeitar as singularidades de cada um, alimentar ideias, cuidar das dificuldades, ajudar a fluidez das descobertas.

Era uma professora empolgada com as indagações, hipóteses e brincadeiras do cotidiano com as crianças. Mas frustrada com a falta de tempo e espaço que nós educadores temos para reconhecer e compor nossa própria identidade, alimentar nossas curiosidades, dialogar com nossos pares, descobrir sonhos e emoções. Sentia que as formações pedagógicas, os diversos textos que líamos sobre a importância de acolher, escutar, construir junto com as crianças, pairavam no ar entre nós. Como um professor pode ser acolhedor e ter uma escuta sensível com seus alunos, se ele não encontra esse acolhimento para si?

Raízes educadoras: conexão com as infâncias dos adultos

A experiência como professora das infâncias me inspirou a manter essa semente criança mais perto, mais poesia e leveza para nosso corpo adulto. Em busca de um solo fértil para criar outras raízes e florescer em novas direções, comecei a traçar um plano de ação formativa para educadores, no início de 2019. O desejo era promover encontros para reflexão, estudo e troca entre educadores.

Atualmente, o estilo de vida nas cidades é mais atribulado, todos estão envolvidos com diversas funções simultâneas, trazendo a sensação de que o tempo fica mais curto. A circulação de informação é mais acelerada, a ansiedade mais latente. E essa pressão fatalmente atinge o ritmo escolar. As tarefas e metas da escola são intensificadas, e com isso os professores acumulam funções também. Ora, para que haja a possibilidade de reflexão sobre a prática e planejamento de ação a partir desta, é preciso tranquilidade, tempo. Nóvoa (2013, p. 8) alerta para o fato de que “a correria constante entre a casa, a escola e o centro de formação elimina, muitas vezes, a possibilidade de autênticos percursos de formação pautados por ritmos e tempos próprios”.

Atenta às questões que mais afetavam a minha realidade como professora e a de minhas colegas na escola, elenquei as que entrariam como prioridade no planejamento dessa mudança de direção: a relação com o tempo no cotidiano e a formação permanente de nossa identidade, em um diálogo constante entre as experiências de vida e as práticas educativas.



Com a ideia original em mente, fui conhecer a horta orgânica da Fazenda Itahyê e, logo na chegada, pensei que ali seria um bom lugar para acolher os professores. Ao longo do primeiro semestre daquele ano, as inspirações ganharam contorno e encontrei boas parcerias que viabilizaram a criação do Projeto Encontros na Fazenda. Entre infâncias e educadores, sustentada pela natureza e pela urgência de mais poesia no cotidiano, nasceu o projeto inicial. Uma busca por novas possibilidades, outras maneiras de ser e fazer educação. Com o foco no ser humano que habita cada profissional. Fortalecer as raízes para que outros galhos cresçam.

As questões iniciais, percebidas no chão da escola, foram a semente do projeto: nossa relação com o tempo no dia a dia e a formação de nossa identidade em constante movimento. O tempo entrou como eixo estruturante deste trabalho, ele é o tambor que dá o ritmo de todos os encontros. É valorizado, cuidado e flexível, para que as pessoas se sintam confortáveis, acolhidas e possam se entregar com atenção e presença.

Em consonância com a reflexão de Barbosa (2013, p. 217), entendemos que “a aceleração provoca ausência de sentido naquilo que se realiza cotidianamente na vida, na escola, pois, paradoxalmente, oferece uma sensação de muitas tarefas realizadas, mas de fracasso no sentido da realização docente – pessoal e profissional, e uma derrota no sentido de educação”. Deixamos um tempo confortável em nossos planejamentos, priorizando a qualidade de cada momento. É sempre possível continuar no encontro seguinte ou por e-mail. A intenção é criar presença. Quando estamos num espaço de natureza, somos incentivados a um estado de relaxamento, menos estímulos à aceleração e mais silêncio. Menos pressa e mais atenção. Sair do automático da existência e contemplar o baile cósmico que é a nossa vida.

É preciso dedicar atenção especial às dimensões pessoais da profissão docente, por isso propusemos o foco no ser humano que habita cada profissional. A composição da nossa identidade humana e docente é indissociável, contribui com a capacidade de relação e comunicação que define o tato pedagógico. Como sugere Nóvoa (2013, p. 6), “ensinamos aquilo que somos e, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos”.

A partir dos conceitos acima, inspirados pelas infâncias que transbordam a natureza que somos, desenhamos uma jornada anual de encontros com os educadores. A cada mês, um fio



condutor lançado: tempo (reflexão sobre o ritmo do adulto na relação com as crianças), infâncias (resgate das memórias vividas e do percurso como educador), poética das miudezas (ampliação do olhar para as sutilezas do cotidiano), arte em percurso (expressão com diversos materiais e suportes), literatura (reconhecimento de relações sensíveis a partir da leitura de livros que encantam e inspiram a trajetória de cada um), corpo (despertar da consciência do próprio corpo na relação com o espaço e com os outros), narrativas colaborativas (exercício do trabalho em equipe durante a elaboração de um texto), natureza (integração humano/natureza).

Antes de iniciar os estudos acerca das filosofias e práticas com a natureza, achava que o espaço onde esta formação aconteceria fosse somente um dos fios condutores: um lugar lindo certamente potencializaria os encontros. Hoje, depois de ter vivido experiências e descobertas sobre a natureza que sou, entendo que este é o pilar mais importante da nossa jornada. Antes do tempo e da identidade do educador, o reencontro com a nossa essência. A busca por conexões genuínas, que transcendam o óbvio e nos conectem novamente com a natureza que somos. Segundo Krenak (2019, pp.16-17):

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem –, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza; o cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

Durante a etapa virtual (março de 2020 a agosto de 2021), notamos que a força dos nossos encontros transcende o espaço, mas reconhecemos que na fazenda ela é mais potente. Os professores apreciam o silêncio, caminham, demonstram mais tranquilidade. Acariciam os cavalos, conversam com os bois, cantam com os pássaros. Escalam a goiabeira para comer no pé. Gargalham. Voltam ao estado de graça que sentimos quando estamos com a atenção presente. De que maneira estar com a natureza favorece o reconhecimento de nós mesmos?

Tronco: tomada de consciência da natureza que sou

O grande diferencial da nossa pós-graduação foi, certamente, a oportunidade de fazermos uma imersão no Parque Nacional do



Itinguçu em janeiro de 2022. Desde o início do curso estávamos buscando o melhor período para essa aventura, e que sorte a nossa termos conseguido! Foram sete dias com um grupo que conhecíamos superficialmente pelas aulas on-line. Ao longo da imersão, descobrimos um coletivo potente, ao mesmo tempo que cada um teve sua experiência singular.

Estávamos dispostos a visitar nossas sementes, reconectar com nossa essência, viver com a natureza o que brotasse em cada dia. A sensibilidade desperta para as miudezas gigantes que acontecem entre o nascer do sol e o pôr da lua. Na empolgação e curiosidade para experimentar tanta beleza, escolhi dormir na praia. Na areia, ao lado de uma grande pedra, entre o mar e a montanha. Descobri, nas noites que passei dormindo e acordando sob a lua cheia, que ela esperava os primeiros raios do sol nascerem antes de se esconder. Que a água do mar brilha à noite, quando dançamos com ela. Que estar ao ar livre sem nenhuma cobertura sob a imensidão do céu é uma forte conexão com quem somos. Sobre coragem, medo. Estar só, ao mesmo tempo tão bem acompanhada.

Uma das manhãs, logo que os primeiros raios de sol iluminaram a praia, acordei e me senti convidada a escalar uma pedra enorme que havia por ali e que estava admirando desde o primeiro dia. Parecia tão claro que era para eu escalar. E fui. Simples, tranquilo, intenso. Quando cheguei ao topo, reconheci as bromélias e suas porções mortas que ajudavam as novas a manter suas raízes por ali, crescer. Percebi a árvore que acolhia um ninho, os musgos que marcavam partes da pedra. Tantas nuances, quanta vida!

Então me alonguei em direção ao céu, pés fincados na pedra. Chorei e gargalhei alto. Uma alegria que não cabia num corpo rígido de adulto, que precisava da ajuda da minha porção criança para transbordar. Sem julgamentos. Liberta (a) dor.

Figura 5 - liberta (a) dor



Foto: Carol Conti, 2022



Temos, todos os dias da nossa existência, a oportunidade de nos integrar com essa semente criança. Estar em comunhão com a natureza em todas as suas dimensões, externas e internas, é uma possibilidade para uma vida inspirada. Fluidez dos sentidos, alegria e leveza. Bueno (2019, p. 91), relata que:

A infância está dentro de nós. Dentro de cada pessoa. Potente, a infância resiste à dureza do mundo. Sua resistência está na imaginação, na leveza, na capacidade de ver no mesmo sempre algo novo, diferente. A infância resiste na sensibilidade, na palavra poética que transforma os discursos totalitários. A infância permanece.

A infância resiste, permanece em cada um de nós. Semeia em todos nós juntos novas possibilidades de ser e estar.

Florescer: vivências com a natureza, aprendizagem em fluxo (Sharing nature)

A intensidade da experiência com a imersão foi atravessada pelo afeto. O contato amoroso entre humanos, com a natureza. Diariamente, a partir de propostas variadas, fomos convidados a nos sensibilizar e ressignificar nossa percepção de vida. Transformar.

Em um dos dias, fizemos uma trilha no meio da Mata Atlântica. As vivências foram planejadas em sequência para intensificar e ampliar, exponencialmente, a integração entre tudo isso que nos compõe: ar, pedra, raiz, água, planta, terra, voos. Infâncias. Luz e sombra. Humanidades. Silêncios. Fomos convidados a caminhar na floresta, adentrar suas belezas e segredos. Mendonça (2005, p. 12) ressalta que:

As atividades podem – e devem – abrir nossos corações para o reconhecimento vivencial (só o racional não basta) de nossa fraternidade com todos os seres, com os quais, percebamos ou não, compartilhamos o ar, a água e a terra deste planeta.

A metodologia proposta na trilha foi desenvolvida na década de 1970 pelo educador americano Joseph Cornell e recebeu o nome de Sharing Nature (“vivências com a natureza”, na tradução mais recente). O sistema de aprendizagem que se refere à forma de trabalhar ao ar livre foi nomeado *flow learning* e traduzido para “aprendizagem em fluxo”, termo que será aplicado neste trabalho.



Como contribuição ao papel dos educadores, Cornell (2005, pp. 26-29) sugere cinco regras básicas para que os momentos das atividades sejam alegres e gratificantes. Subjacentes a elas, estão as atitudes básicas de respeito pelos seres humanos e reverência pela natureza. 1. Ensine menos e compartilhe mais sobre como se sente diante de uma árvore, curiosidades, hipóteses, perguntas. 2. Seja receptivo, ouça e esteja atento às percepções e comentários que aparecem no grupo. 3. Concentre a atenção, estabelecendo o estilo do passeio desde o início e despertando o interesse pelas descobertas que estão por vir. 4. Observe e sinta primeiro; fale depois. 5. Um clima de alegria deve prevalecer durante a experiência.

A atmosfera de conexão, respeito, paz e delicadeza permeia todas as atividades e é essencial para que, a cada nova proposta, a integração com a nossa natureza seja sentida e aprofundada.

Desde o primeiro contato que tive com essa vivência, em outubro de 2021, num bosque em São Paulo, sinto uma conexão profunda com essa prática. Assim como eu, Alexia e Juliane também já haviam experimentado também, então fomos convidadas a cooperar no dia da imersão na Mata Atlântica.

Iniciamos com a brincadeira das corujas e corvos. Dois grupos foram formados, cada um correspondente a um dos animais. Havia uma corda no centro, no chão, para dividir os dois espaços, e, ao final de cada campo, um lenço delimitava onde seria o pique. Previamente, definimos cinco afirmações, relacionadas ao que estávamos vivendo (ex. o Parque Nacional do Itinguçu fica no litoral norte, estamos na lua cheia etc.). Uma de cada vez era lançada em voz alta, as corujas deveriam correr em direção aos corvos caso a afirmação fosse verdadeira e os corvos deveriam correr em direção às corujas caso a afirmação fosse falsa. Finalizamos todos eufóricos, falantes, às gargalhadas.

A segunda proposta foi a composição de animais. Em grupos de aproximadamente quatro pessoas, escolhemos um animal para compor uma escultura humana e se apresentar aos outros grupos, que por sua vez deveriam descobrir qual era o animal. Bonito de ver a sintonia dos grupos e a criatividade desperta.

Mais tranquilos, estávamos prontos para entrar na floresta. Uma breve pausa para a concentração de todos, a Alexia fez uma introdução e iniciamos a trilha.



Inalamos e exalamos profundo nos conectando com esse espaço.

Aqui e agora.

Irreverência e gratidão a todos os seres aqui presentes, visíveis e invisíveis.

Que possamos com proteção adentrar esse espaço.

Que possamos dar e também receber os potenciais de cura que aqui estão presentes.

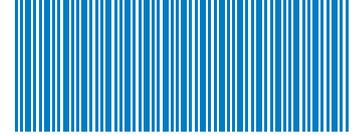
Inalamos e exalamos profundo e lentamente abrimos os olhos.

Alguns metros adiante, havíamos organizado previamente (nós três, as “meninas sharing nature”) um trecho para a trilha com objetos escondidos. Aproximadamente 15 metros com uma corda delimitando o espaço e 15 objetos escondidos com um metro de distância entre eles. Quantos objetos manufaturados cada um consegue encontrar? Ativar a atenção. Apurar os sentidos.

Seguimos adiante, caminhando. A provocação para uma nova parada foi: Quantos sons conseguimos perceber? Ficamos um bom tempo ali antes de retomar a andança, com a atenção cada vez mais ativa, observando os detalhes, escutando os nossos silêncios.

Quando faltava um trecho curto para chegarmos ao nosso destino – uma praia maravilhosa! – propusemos ao grupo a atividade da lagarta. Em fila, olhos vendados, cada um apoiado no ombro da frente. Quando vi que não tinha ninguém na frente para liderar a lagarta, guiar sua direção e avisar sobre os obstáculos do caminho, entrei como primeira da fila e fui andando, certa de que estava devagar. Rita se aproximou ao meu lado, mais lentamente, sem uma palavra. Com seu movimento, quase flutuante, me ajudou a perceber que poderia ser mais lenta e gostosa essa travessia. Essa é uma das lições sutis que aprendi na nossa jornada, primorosa e inesquecível. E essa delicadeza fez toda a diferença quando chegamos à praia e nos organizamos lado a lado de frente para o mar. Com calma, propusemos que todos tirassem as vendas, primeiro com olhos fechados e depois, cada um no seu tempo, poderiam abrir completamente.

Foi um dia delicioso, entre mar e rio, sensibilidades afloradas. A impressão de todos os poros da pele abertos a uma relação profunda com o ar que nos rodeia. Que nos sustenta.



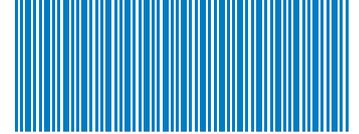
Com essa energia alta, Juliane e eu fomos convidadas a espalhar poesia pela trilha de volta. Nós duas nos deleitamos com o convite. Eram cerca de 20 placas com trechos poéticos e a nossa missão era organizá-las em localizações inspiradoras ao longo do caminho, já que o retorno seria individual e em silêncio, introspectivo. Saímos um pouco antes do grupo, para lermos e escolhermos um lugar especial para cada uma. E como foi importante esse tempo. Nos emocionamos, demos risada, lembramos de fragmentos da nossa vida. Escorregamos, sentimos medo – afinal estávamos só nós duas ali. Espalhamos as placas e sentamos nas rochas do final da trilha para esperar a chegada das pessoas. Cada uma vinha com uma expressão, alguns mais suaves, outros bem emocionados. Todos pareciam conectados com sua semente criança. Estado de graça.

Rita aproveitou o clima para propor a última atividade da vivência: poema dobrado. Em três pequenos grupos, lá nas pedras do riacho, cada um escrevia duas linhas e dobrava uma, deixando a segunda em aberto para a pessoa seguinte completar com mais duas linhas, nessa sequência. A leitura em voz alta foi impactante. Depois do jantar, naquele mesmo dia, quando geralmente compartilhávamos poesia, a Ana Carol leu o poema coletivo sem dizer do que se tratava. Achei tão lindo e cheio de significado que o escolhi para iniciar este trabalho.

Foi ao longo das vivências com a natureza, permeadas por trocas e espaço para fluidez, que percebi a intimidade que sentia com tudo aquilo. A força que existe no contato amoroso com a natureza. E como a aprendizagem em fluxo, ao ar livre, é uma ideia que está empiricamente relacionada ao meu caminhar até aqui – como criança, mãe, professora das infâncias, formadora na Jornada Ecoar, coordenadora do Centro Educativo Igarapé e em seus tantos desdobramentos. Concordo com Mendonça (2005, p. 14):

O potencial revolucionário da proposta da Sharing Nature está justamente no fato de conduzir as pessoas a um contato amoroso com a Natureza e intensificá-lo e ampliá-lo a cada prática, de modo a criar alicerces em nossa experiência, ou seja, em nosso corpo e em nossa alma, preparando-nos para mudanças que conduzam a uma coerência entre o que sentimos e fazemos.

Sobre conseguirmos dilatar tempo e espaço para aprofundar a nossa conexão com quem somos. Para adentrar as paisagens do nosso entorno e de outros humanos. Aprofundar nossa percepção de mundo. Seria esse mergulho a inspiração para o ativismo delicado?



Voo; o que quero conservar

um voo sutil
sem asas
ar e água
entre. laçados
lançado
pouso e voo e mergulho
(autora)

Imaginar o ar como água que sustenta nosso corpo foi uma das contribuições da querida Renata, em nossos exercícios matinais no Parque Nacional do Itinguçu. Minha porção criança em pleno voo, no ar que me conduz. Como o movimento dos rios, o voo é embalado pelas águas fluidas. Resgato minha semente criança, tirando paus, pedras e folhas do caminho do rio, para deixar fluir.

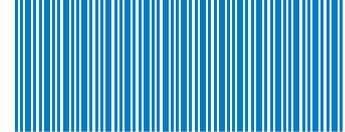
Figura 6 - rio



Ilustração: Sophia Novaes, aquarela sobre papel, 2021

Rio da vida

águas correntes
solto-me no fluxo
boas surpresas chegam
há curvas, desvios e proteção em meu caminho
Estou fluindo nas águas
me deixo levar
Confio
(Fabiana Higa)



Deixar levar. Confiar. Quando nos sentimos em comunhão com a natureza, fica mais clara a ideia de um futuro que não vem de fora. Ao contrário, como afirma Coccia (2020, p. 208), “se há um porvir, é apenas porque não há exterioridade, pois tudo já está dentro. Dentro deste planeta. Tudo em sua superfície. O futuro é a pele do planeta que não para de transformá-la: ele é o casulo de sua metamorfose”.

É isso que quero conservar: a descoberta de que sou parte de algo tão maior e ao mesmo tempo está tudo aqui, dentro de mim. O movimento de contração e expansão, pouso e voo, dentro e fora. Quero conservar o desejo de me espalhar como um pólen, ao mesmo tempo me conectar com outras vidas e voltar para dentro de quem sou. Conservar a percepção de que as águas e ares que compõem o meu corpo humano estão integrados com águas dos rios e ares das montanhas. Conservar a força e potência transformadora que há nas ações miúdas e delicadas, como aquela minha semente criança que abria espaço no rio para as águas fluírem.

REFERÊNCIAS

ARENDR, H. *A condição humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2000.

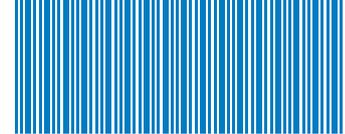
BARBOSA, M. Tempos e cotidiano, tempos para viver a infância. In: *Revista Leitura: teoria & prática*, 2013.

BARROS, M. *Memórias inventadas*. Alfaguara, 2018.

BONDIA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>

BUENO, M. Posfácio. In: SEVERINO, Antônio e TAVARES, Katia. *A poética da infância*. Posfácio de Marcelo Bueno. Cachoeira Paulista: Editora Passarinho, 2019. p. 90-93.

COCCIA, E. *Metamorfozes*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.



CORNELL, J. Vivências com a natureza 1. **Prefácio de Rita Mendonça**. São Paulo: Editora Aquariana, 2005.

CORSARO, W. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura).

KESSELER, R. STUPPY, W. **Seeds** – Time capsules of life. Berkshire, GB: Papadakis Publisher, 2006.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

MANCUSO, S. **A planta do mundo**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

MENDONÇA, R. **Conservar e criar: natureza, cultura e complexidade**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

MENDONÇA, R. Prefácio à edição brasileira. In: CORNELL, J. **Vivências com a natureza 1**. São Paulo: Editora Aquariana, 2005. p. 11-15.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

NÓVOA, A. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: Nóvoa, Antônio. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2013.

SILVA, M. MAFRA, J. **Paulo Freire e a educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, 2020.

Recebido em: 30/05/2022.

Aprovado em: 12/07/2022.

